

**“PORQUE EU A AMAVA DEMAIS”: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E AS
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO MANGÁ TOMIE**

**“BECAUSE I LOVED HER SO MUCH”: GENDER-BASED VIOLENCE AND THE
REPRESENTATIONS OF THE FEMININE IN THE MANGA TOMIE**

**“PORQUE LA AMABA TANTO”: LA VIOLENCIA DE GÉNERO Y LAS
REPRESENTACIONES DE LO FEMENINO EN EL MANGA TOMIE**



10.56238/revgeov16n5-004

Fabrinne Rocha Pereira

Mestre em Comunicação

Instituição: Universidade Federal do Piauí

E-mail: fabrinne@protonmail.com

Marta Maria Azevedo Queiroz

Pós-doutorado em Comunicação

Instituição: Universidade Nova de Lisboa

E-mail: martaqueiroz@ufpi.edu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0206354084188669>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7253-814X>

RESUMO

O presente artigo, parte integrante da pesquisa realizada no mestrado em Comunicação (PPGCOM-UFPI, 2025), propõe analisar como as violências contra as mulheres e a vilania são representadas no mangá Tomie, destacando os modos que as narrativas reforçam normas culturais e sociais que perpetuam tais violências. A obra do mangaká Junji Ito, conhecida por suas histórias de terror psicológico e elementos sobrenaturais. Publicado pela primeira vez em 1987, o mangá gira em torno da personagem Tomie, tendo como narrativa – ‘uma jovem irresistivelmente bela provoca obsessão e violência nos homens ao seu redor’. Essa frase resume a estrutura dramática da obra, mas também revela, em camadas mais profundas, um poderoso comentário sobre o modo como a cultura patriarcal constrói, controla e pune a figura feminina. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo (Bardin, 2006), tendo como observáveis 12 imagens selecionadas do mangá que foram organizadas em cinco categorias – 1) feminicídio, 2) nudez, 3) passionalidade, 4) vilania, 5) irmandade masculina e 6) encantamento, sendo analisadas neste artigo as categorias 1, 4 e 5, nas perspectivas teóricas de Beauvoir (2014), Segato (2013), Elena Teles e Valeska Zanello (2017), Alves (2021). A análise da violência contra mulheres em Tomie revela não apenas a habilidade de Junji Ito em criar narrativas de terror, mas também sua capacidade de abordar questões sociais profundas. Por meio da história de Tomie, somos confrontados com a realidade da obsessão, da objetificação e da violência, temas que continuam a ressoar na sociedade contemporânea. A repetição de feminicídio de Tomie e sua regeneração ao longo da narrativa sugere uma crítica à objetificação e culpabilização da mulher. Portanto, ações concretas são urgentes, considerando os índices de violências contra as mulheres que crescem de maneira exponencial e produzem profundos impactos tanto nas estruturas individuais –



especialmente das mulheres vítimas – quanto nas dinâmicas socioculturais que afetam suas famílias e comunidades.

Palavras-chave: Narrativas de Violências Contra a Mulher. Representações Femininas. Mídia. Mangá. Tomie.

ABSTRACT

This article, part of the research conducted for the Master's in Communication (PPGCOM-UFPI, 2025), proposes an analysis of how violence against women and villainy are represented in the manga "Tomie," highlighting the ways in which narratives reinforce cultural and social norms that perpetuate such violence. This work by manga artist Junji Ito, known for his stories of psychological horror and supernatural elements, first published in 1987, revolves around the character Tomie, with the narrative—"an irresistibly beautiful young woman provokes obsession and violence in the men around her." This phrase summarizes the dramatic structure of the work, but also reveals, in deeper layers, a powerful commentary on how patriarchal culture constructs, controls, and punishes the female figure. The research adopted a qualitative approach, with content analysis (Bardin, 2006), observing 12 selected images from the manga, which were organized into five categories: 1) femicide, 2) nudity, 3) passion, 4) villainy, 5) male brotherhood, and 6) enchantment. Categories 1, 4, and 5 are analyzed in this article, from the theoretical perspectives of Beauvoir (2014), Segato (2013), Elena Teles and Valeska Zanello (2017), and Alves (2021). The analysis of violence against women in Tomie reveals not only Junji Ito's skill in creating horror narratives, but also his ability to address profound social issues. Through Tomie's story, we are confronted with the reality of obsession, objectification, and violence, themes that continue to resonate in contemporary society. The repetition of Tomie's femicide and her regeneration throughout the narrative suggest a critique of the objectification and blaming of women. Therefore, concrete actions are urgent, considering the exponentially increasing rates of violence against women, producing profound impacts both on individual structures—especially those of female victims—and on the sociocultural dynamics that affect their families and communities.

Keywords: Narratives of Violence Against Women. Feminine Representations. Media. Manga. Tomie.

RESUMEN

Este artículo, parte de la investigación realizada para la Maestría en Comunicación (PPGCOM-UFPI, 2025), propone un análisis de cómo se representan la violencia contra las mujeres y la villanía en el manga "Tomie", destacando las maneras en que las narrativas refuerzan las normas culturales y sociales que perpetúan dicha violencia. Esta obra del mangaka Junji Ito, conocido por sus historias de terror psicológico y elementos sobrenaturales, publicada por primera vez en 1987, gira en torno al personaje Tomie, con la narrativa: "una joven irresistiblemente bella provoca obsesión y violencia en los hombres que la rodean". Esta frase resume la estructura dramática de la obra, pero también revela, en capas más profundas, un poderoso comentario sobre cómo la cultura patriarcal construye, controla y castiga la figura femenina. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, con análisis de contenido (Bardin, 2006), observando 12 imágenes seleccionadas del manga, organizadas en cinco categorías: 1) feminicidio, 2) desnudez, 3) pasión, 4) villanía, 5) hermandad masculina y 6) encantamiento. Las categorías 1, 4 y 5 se analizan en este artículo desde las perspectivas teóricas de Beauvoir (2014), Segato (2013), Elena Teles y Valeska Zanello (2017) y Alves (2021). El análisis de la violencia contra las mujeres en Tomie revela no solo la habilidad de Junji Ito para crear narrativas de terror, sino también su capacidad para abordar profundas problemáticas sociales. A través de la historia de Tomie, nos enfrentamos a la realidad de la obsesión, la cosificación y la violencia, temas que siguen resonando en la sociedad contemporánea. La repetición del feminicidio de Tomie y su regeneración a lo largo de la narrativa sugieren una crítica a la cosificación y culpabilización de las mujeres. Por lo tanto, urgen acciones concretas, considerando el aumento exponencial de las tasas de violencia contra las mujeres, que produce profundos impactos tanto en las estructuras individuales —especialmente en las víctimas— como en las dinámicas socioculturales que afectan a sus familias y comunidades.



Palabras clave: Narrativas de Violencia Contra las Mujeres. Representaciones Femeninas. Medios de Comunicación. Manga. Tomie.



1 INTRODUÇÃO

A constatação de que a humanidade foi historicamente definida a partir de um referencial masculino nos obriga a repensar categorias fundamentais da cultura, do conhecimento e da política. Essa definição não é neutra: ela legitima desigualdades, invisibiliza experiências e sustenta estruturas de poder que tornam a violência contra as mulheres possível e recorrente. Ao questionar essa construção, o feminismo não busca inverter hierarquias, mas universalizar o humano de fato, reconhecendo mulheres – e todas as subjetividades marginalizadas – como sujeitos plenos de direitos, dignidade e existência.

A violência de gênero constitui um fenômeno estrutural da sociedade. Em 2022, de acordo com o Instituto Patrícia Galvão¹, os dados de feminicídio no Brasil apresentaram um aumento de 6%, enquanto as tentativas de feminicídio cresceram 17%, sendo esses os maiores índices desde 2015, ano em que a lei do feminicídio entrou em vigor no país. De acordo com o DATASSP², de 2022 a 2025, o Piauí registrou um total de 182 casos de feminicídio. Somente em 2024, foram contabilizados 56 casos, representando um aumento de 32% em relação ao ano anterior. Somente neste ano, foram registrados em março, 18 feminicídios confirmados, o que indica uma tendência de crescimento.

Tabela 1

Ano	Brasil – Feminicídios (%)	Brasil – Tentativas de feminicídio (%)	Piauí – Casos de feminicídio	Observações
2022	+6%	+17%	182 (2022–2025 total)	Maior índice desde 2015
2024	-	-	56	Aumento de 32% em relação a 2023
Mar/2025	-	-	18	Apenas em março, tendência de crescimento
2015	Referência inicial Lei 13.104/2015	-	-	Início da Lei do Feminicídio
Última década	11.967 mulheres mortas	-	-	Quase triplicaram os casos em 10 anos

Fonte: Autores.

Quase 12 mil mulheres sofreram feminicídio no Brasil na última década. Em março de 2025, a Lei 13.104/2015, que trata do feminicídio, completou 10 anos, conforme relatado por Gortazár (2025):

Os feminicídios contabilizados quase triplicaram nesses 10 anos (de 535 para 1.259 mortes). Se em 2015 eles eram apenas menos de duas mulheres mortas por dia, ele agora atinge quatro mortes por dia nas mãos de maridos, namorados, etc. Especialistas atribuem esse aumento a diversos fatores: um aumento da violência à medida que as mulheres ganham autonomia, aumento das queixas e melhoria nos registros (tradução nossa).

¹ O Instituto Patrícia Galvão monitora a divulgação de dados e pesquisas no Brasil, acompanhando os órgãos de governo responsáveis por esses dados, as instituições de pesquisas que trabalham com este tema e a mídia. Disponibilizando os dados na Plataforma Violência Contra as Mulheres em Dados.

² Núcleo de Estudos Avançados em Segurança Pública.



Os dados apresentados evidenciam violências contra as mulheres – corpo feminino, constituída a partir de um poder que perpetua a submissão. Essa dinâmica pode ser explicada, segundo Santos e Izumino (2005), por meio da lente da dominação masculina, uma violência que se manifesta como expressão do patriarcado e seus tentáculos disseminado por meios institucionais que estruturam a sociedade contemporânea, a exemplo das mídias.

Diante do exposto, a implantação da lei é crucial para um real mapeamento e tipificação dos crimes contra as mulheres. Ressalte-se que esses números, embora expressivos, representam apenas uma parte da realidade, pois muitos casos não são notificados, e a subnotificação de crimes de violência doméstica e familiar é uma realidade persistente.

Ressalte-se que o Japão, país de origem do mangá³, apesar de apresentar uma das menores taxas de criminalidade do mundo⁴, O Relatório Branco sobre Gênero⁵ do Gabinete para Igualdade de Gênero do Japão menciona medidas recentes: a promulgação de uma lei que em abril de 2024 ampliou a lei de prevenção da violência do cônjuge; entre outras melhorias em proteção, ordens de restrição, ações de apoio às vítimas baseada em consultas governamentais.

As violências contra as mulheres são consequências de estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas historicamente patriarcais, que se consolidaram ao longo do tempo e naturalizaram desigualdades de gênero. Essas estruturas estabelecem relações de poder assimétricas entre homens e mulheres, atribuindo ao masculino posições de dominação e ao feminino papéis de subordinação, fragilidade e dependência.

Nesse contexto, a violência não é um fenômeno isolado nem resultado de comportamentos individuais apenas, mas sim a expressão concreta de um sistema que legitima e reproduz o controle sobre o corpo, a sexualidade, a autonomia e a vida das mulheres. A cultura machista, os estereótipos de gênero, a desigualdade no acesso a direitos e a omissão institucional contribuem para a manutenção dessas práticas violentas.

Desse modo, o controle patriarcal é refletido numa mitologia forte e cheia de lendas e histórias sobre o ‘feminino que o retrata como monstruoso’, seja na representação de mulheres sedutoras e pecaminosas, ou emocionalmente desequilibradas e loucas. Um exemplo, é a entidade do folclore japonês *Yanagi Baba*⁶ a representação de uma mulher velha e assustadora reflete a tendência cultural

³ Histórias em quadrinhos japonesas.

⁴ O Japão figura no topo do ranking dentre os países menos violentos, com um número que varia entre 0,3 (2008) e 0,4 (2009) homicídios por 100.000 habitantes (Moreira, 2013).

⁵ Disponível em: https://www.gender.go.jp/about_danjo/whitepaper/r07/zentai/pdfban.html?u. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

⁶ A figura do *Yanagi Baba* — literalmente “velha do salgueiro” — é uma entidade do folclore japonês profundamente simbólica, associada à natureza, ao tempo e ao imaginário feminino. Trata-se de um *yōkai* (espírito ou criatura sobrenatural) ligado especialmente aos salgueiros antigos, árvores tradicionalmente associadas ao luto, à memória e ao mundo espiritual no Japão. Disponível em: https://www.google.com/search?q=representa%C3%A7%C3%A3o+do+Yanagi+Baba+como+uma+mulher+velha+e&rlz=1C1CHZN_ptBRBR1173BR1173&oq=representa%C3%A7%C3%A3o+do+Yanagi+Baba++como+uma+mulher+velha+e&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDE3MTZqMG03qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8.



de associar o feminino não domesticado – especialmente quando envelhecido, solitário ou conectado ao sobrenatural – ao perigo e à marginalidade. Em sociedades patriarcais, a mulher que escapa de papéis tradicionais (mãe, esposa, cuidadora) frequentemente é marcada como “monstruosa”, “bruxa” ou “maligna”.

Nessa perspectiva, o presente artigo, parte integrante da pesquisa realizada no mestrado em Comunicação (PPGCOM-UFPI, 2025), propõe analisar como as violências contra as mulheres e a vilania são representadas no mangá *Tomie*, destacando os modos que as narrativas reforçam normas culturais e sociais que perpetuam tais violências. A obra do mangaká Junji Ito, conhecida por suas histórias de terror psicológico e elementos sobrenaturais. Publicado pela primeira vez em 1987, o mangá gira em torno da personagem *Tomie*, tendo como narrativa “uma jovem irresistivelmente bela provoca obsessão e violência nos homens ao seu redor”. Essa frase resume a estrutura dramática da obra, mas também revela, em camadas mais profundas, um poderoso comentário sobre o modo como a cultura patriarcal constrói, controla e pune a figura feminina.

Em *Tomie* (2021), V. 01 e V. 02, analisamos eventos em que a protagonista, o nome da obra, é repetidamente vítima de feminicídio – mas sempre regenera a partir da junção de seus membros do corpo que foram esquartejados – havendo a perpetuação dos ciclos de violências. Apesar das inúmeras tentativas de destruição e aniquilação, *Tomie* sempre retorna. Essa característica sobrenatural pode ser interpretada como metáfora da resistência feminina frente à violência. Mesmo mortas, as mulheres vítimas de feminicídio deixam marcas: movimentos sociais surgem, políticas são criadas, e memórias são preservadas. *Tomie*, ao renascer, nega ao patriarcado o poder absoluto de silenciá-la — e representa a impossibilidade de eliminar a presença feminina da história.

O mangá não é apenas entretenimento gráfico ou midiático, mas um documento cultural que materializa imaginários sociais. A indústria multibilionária dos mangás não se limita a movimentar cifras expressivas; ela exerce também um poder simbólico e cultural profundo, configurando-se como um vetor de difusão de imaginários sociais sobre o feminino. Ao consolidar-se como um dos pilares da economia cultural japonesa, o mangá alcança não apenas leitores domésticos, mas públicos globais, atravessando fronteiras por meio de adaptações, merchandising e mídias derivadas, como animes e videogames. O mercado de mangás no Japão registrou, em 2024, o maior faturamento da história: ¥ 704,3 bilhões (cerca de US\$ 4,6 bilhões), segundo o *Research Institute for Publications*. Isso representa 44,8% de todo o setor editorial japonês, consolidando o mangá como principal força da indústria cultural no país. O formato digital lidera essa expansão. No cenário global, o Japão responde por cerca de 49,5% do faturamento total, com a região Ásia-Pacífico concentrando mais de 85% das receitas. Estima-se que o mercado mundial de mangás alcance entre US\$ 42 e 47 bilhões até 2030.

Dentro dessa lógica de produção em larga escala, as representações do feminino são simultaneamente produzidas, naturalizadas e questionadas, refletindo tensões entre estereótipos



tradicionais e possibilidades de agência feminina. Assim, os mangás funcionam como documentos culturais, que registram concepções históricas, sociais e estéticas sobre o gênero, tornando visíveis valores, medos, ansiedades e desejos que atravessam diferentes camadas da sociedade. A combinação entre força econômica e potencial simbólico coloca o mangá em posição privilegiada para estudar como narrativas visuais e midiáticas moldam e reproduzem imaginários sociais sobre o feminino, revelando a estreita relação entre cultura, mercado e construções de gênero.

Portanto, a escassez de estudos nesse campo ressalta a necessidade de ampliar o escopo de pesquisa, integrando mídias populares, como mangás e animes, com discussões pertinentes, o que não só preenche uma lacuna em nosso conhecimento acadêmico, mas também amplia e a compreensão de como essa cultura reflete e impacta questões sociais e culturais da realidade atual. O mangá, segundo Júnior (2005), é um produto que faz parte de uma massificação, bem como outros produtos da Cultura Pop Japonesa que são vendidos mundo afora, buscando um equilíbrio constante nas vendas e lucros, muitas vezes se apela para temáticas apelativas, sexuais, violentas e comumente ficcionais, embora outros levem em conta os aspectos do cotidiano, da história e da cultura própria a um país.

Um relatório apresentado em 2023 pelo IMARC⁷, sobre *“Manga Market Report by Type (Printed, Digital), Genre (Action and Adventure, Sci-Fi and Fantasy, Sports, Romance and Drama, and Others), Audience (Children and Kids (Aged below 10 years), Teenagers (Aged between 10 to 16 years), Adults (Aged above 16 years)), Gender (Male, Female), Distribution Channel (Online, Offline), and Region 2024-2032”*⁸, no qual analisa mercadologicamente o mundo dos mangás, pontuando alguns segmentos dentro da indústria, sendo eles: formato de leitura, gênero, público (por idade), público (por gênero), e região por continente. Melhor explanados na tabela a seguir.

Quadro 1: Segmentos do Mercado Global de Mangás

SEGMENTO	CATEGORIA	DESTAQUES/OBSERVAÇÕES
Público por Faixa Etária	Crianças (<10 anos)	Segmento importante; atraídos por temas lúdicos e educativos (<i>kodomo</i>)
	Adolescentes (10 a 16 anos)	Maior segmento de leitores; forte identificação com temas como amizade e superação (<i>shonen</i>)
	Adultos (>16 anos)	Representam uma fatia significativa; buscam temas mais complexos
Público por Gênero	Masculino	Dominante; atraídos por protagonistas masculinos, tramas de superação e ação
	Feminino	Crescente interesse; títulos <i>shoujo</i> e <i>josei</i> atendem a essa audiência, mas ainda com menor expressividade no mercado global

Fonte: (IMARC, 2023)

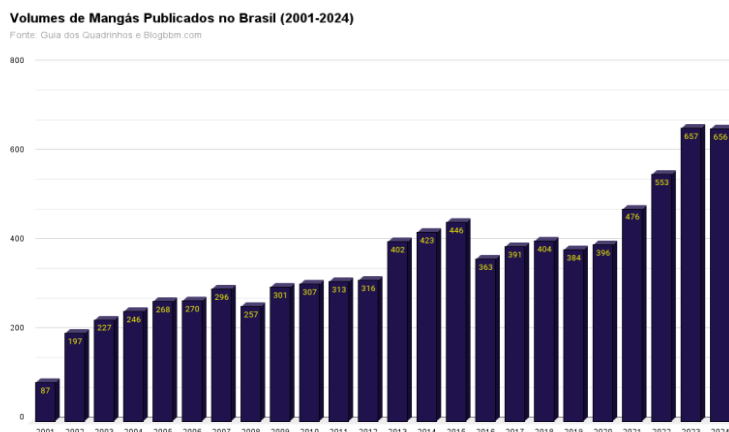
⁷ O International Market Analysis Research and Consulting Group – IMARC: oferece serviços de pesquisa de mercado para diversos segmentos.

⁸ Tradução livre: Relatório de mercado de mangá por tipo (impresso, digital), gênero (ação e aventura, ficção científica e fantasia, esportes, romance e drama e outros), público (crianças e jovens (com menos de 10 anos), adolescentes (com idade entre 10 e 16 anos), adultos (com idade acima de 16 anos), gênero (masculino, feminino), canal de distribuição (online, offline) e região 2024-2032.



Os dados apresentados mostram uma ascensão mundial do mangá nas diversas juventudes e gêneros. No Brasil, um dos maiores consumidores da América Latina, tivemos um crescente aumento de publicações de mangás nos últimos 22 anos, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 1: Volumes de Mangás publicados no Brasil (2001-2024)



Fonte: <https://blogbbm.com/2025/01/07/numeros-do-mercado-brasileiro-de-mangas-em-2024/>

A Editora Pipoca e Nanquim⁹ é a detentora do maior número de obras publicadas Junji Ito no Brasil, ocupando o 6º lugar no ranking de volumes publicados no ano de 2024. A editora, em 2023-2024, publicou 11 obras de Junji Ito: Zona Fantasma, As Esculturas sem cabeça, Cidades das Lápides, o Beco, Mortos de Amor, Dismórficos, Contos Esmagadores, Remina, O Encantamento que Geme, Morada do Deserto, *Art Book* Visões Grotescas: A Arte Perturbadora de Junji Ito¹⁰ e Buracos da Estranheza: 35 anos da carreira de Junji Ito (autobiografia do autor).

A editora JBC¹¹, que ocupa do segundo lugar no ranking, também publicou títulos do autor no período de 2023 e 2024, sendo eles: *Black Paradox*, *Declínio de um Homem*, *Angústia*, *Diário dos Gatos Yon & Mu*.

Apesar de Tomie ter sua publicação em 2021, ocupa ainda o 5º lugar de vendas em *Horror Graphic Novels*, segundo o *ranking* disponibilizado na *Amazon*¹² em 06 de abril de 2024, no mesmo ranking temos suas outras obras: *Uzumaki* (1998-1999), em 7º lugar e *As Egocêntricas Maldições de*

⁹ Pipoca e Nanquim, inicialmente em 2009 era um canal no *youtube*, onde os idealizadores, Alexandre Callari, Daniel Lopes e Bruno Zago discutiam sobre o mundo da cultura pop: Cinema. História em Quadrinhos entre outros. Em 2016, os amigos iniciaram uma editora de quadrinhos independente, publicando *Espadas e Bruxas*, de autoria de Esteban Marot, assim nasceria Pipoca e Nanquim no mundo editorial.

¹⁰ Este material teve seu lançamento na *Comic Con Experience* (2023) em São Paulo, em que o artista se fez presente, pela primeira vez vindo ao Brasil, para autografar e receber seus fãs no *Magic Market* com a editora Pipoca e Nanquim e um painel no palco *Thunder*.

¹¹ A JBC foi fundada em 1992 como uma empresa de comunicação voltada inicialmente à comunidade nipo-brasileira, com sede em São Paulo. Seu foco original incluía a publicação de revistas em japonês e português, como o jornal *Tudo Bem* e a revista *Made in Japan*. Porém, seu grande salto ocorreu no início dos anos 2000, quando começou a publicar mangás oficialmente traduzidos para o português. Sendo alguns muitos famosos: *Sailor Moon*, *Neon Genesis Evangelion*, *Death Note*, *Bleach*. Fonte: <https://blogbbm.com/2025/01/07/numeros-do-mercado-brasileiro-de-mangas-em-2024/>

¹² Disponível em: www.amazon.com.br/gp/bestsellers/books/7842733011/ref=pd_zg_hrsr_books



Souichi (2022) em 9º lugar¹³. É importante destacar que essas obras são reimpressas periodicamente em razão da alta demanda. Naturalmente, a cada relançamento, costumam registrar um expressivo volume de vendas e frequentemente lideram os rankings de comercialização.

2 METODOLOGIA – TRAÇOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa na comunicação, de acordo com Bauer e Gaskell (2015), se caracteriza pelo foco na compreensão de sentidos, interpretações e significados que os sujeitos atribuem às práticas comunicacionais – as mensagens, discursos e práticas midiáticas que são produzidos, circulam e apropriados pelos público em determinados contextos cultural, social, histórico – em suas dimensões simbólicas, discursivas, culturais e sociais, em vez de priorizar números ou generalizações estatísticas.

O estudo realizado no mestrado em Comunicação (PPGCOM/UFPI) em 2025, foi descritivo e analítico, uma vez que permitiu interpretar as camadas simbólicas, narrativas e visuais que sustentam a normalização das violências e as ambivalências acerca do feminino como sedutor e monstruoso, e os sentidos atribuídos às violências e suas representações no mangá *Tomie*, de Junji Ito. Mais do que a mensuração de dados, interpretou-se significados, símbolos e narrativas produzidas pela obra, entendendo-a como manifestação cultural que dialoga com construções sociais acerca do feminino.

O corpus analítico foi o mangá *Tomie* (1987) que, enquanto produto cultural, é compreendido como texto social que produz e reproduz significados sobre o feminino. A pesquisa examinou a obra em sua integralidade, volumes 1 e 2 (Junji Ito, 1987; reeditados em 2021) O mangá gira em torno da personagem *Tomie*, tendo como narrativa – ‘uma jovem irresistivelmente bela provoca obsessão e violência nos homens ao seu redor’. Essa frase resume a estrutura dramática da obra, mas também revela, em camadas mais profundas, um poderoso comentário sobre o modo como a cultura patriarcal constrói, controla e pune a figura feminina. A pesquisa adotou a análise de conteúdo (Bardin, 2006), tendo como observáveis 12 imagens selecionadas do mangá que foram organizadas em cinco categorias – 1) feminicídio, 2) nudez, 3) passionalidade, 4) vilania, 5) irmandade masculina e 6) encantamento, sendo analisadas neste artigo somente as categorias 1, 4 e 5:

1) *feminicídio* – o termo sofreu alterações desde 1970¹⁴, desde seu surgimento, hoje não significa uma forma somente de nomear “as mortes de mulheres por homicídio devido a sua condição social de mulher”, afirma Diana Russell (1992). É importante levar em conta se o assassinato está relacionado à violência doméstica ou familiar.¹⁵

¹³ Frequentemente ocorre atualização das listas, conforme as vendas.

¹⁴ O termo foi utilizado pela primeira vez no Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, em Bruxelas (1976) pela pesquisadora feminista Diana Russel. Não houve uma popularidade no termo nas demais regiões do mundo. Em 1992, Russell coeditou o livro *Femicide: The Politics of Woman Killing*, que aprofundou essa definição e consolidou o termo na literatura acadêmica e ativista. Sendo utilizado na América Latina, pela primeira vez em 1998, para descrever os assassinatos brutais às mulheres da *Cidad de Juarez*.

¹⁵ Lei nº 13.104/2015.



4) *Vilania* – retratada a partir de sua personalidade ambígua, simultaneamente vítima e vilã. Esta categoria busca analisar como a obra explora a vilanização de características femininas, especialmente aquelas associadas ao poder e à transgressão dos papéis de gênero.

5) *Irmandade Masculina* – refere-se à aliança entre os homens (com participação feminina), que sustenta e legitima os atos de violência contra *Tomie*, e *Encantamento*, categoria que mostra os homens estarem submetidos a uma espécie de "feitiço" que os conduz a uma postura de passividade diante de suas próprias ações. Ou seja, o autor impõe uma condição que evidencia uma alienação em relação à consciência e à responsabilidade individual dos assassinos, onde suas escolhas e atitudes não são resultado de uma decisão autônoma, mas sim de uma força externa que os impede de agir de forma ativa e crítica sobre a própria realidade.

A aplicação da análise de conteúdo possibilitou uma abordagem sistemática e minuciosa na identificação e categorização das diferentes manifestações de violência e opressão representadas em *Tomie*. A escolha das categorias analíticas evidenciou a recorrência temática ao longo dos volumes. Conforme quadro a seguir que mostra quantos capítulos de cada volume mostram cada categoria com bastante significância:

Quadro 2: Categorias de Análise.

CATEGORIA	CONTEXTO	Quantidade		
		V.1	V. 2	Total
FEMINICÍDIO	Feminicídio recorrente de Tomie	8	11	19
VILANIA	A representação de Tomie como uma figura vilanesca permite questionar a demonização de características femininas associadas ao poder e à sedução.	14	14	28
“IRMANDADE” MASCULINA	Explora como a aliança masculina contribui para a perpetuação do feminicídio e a normalização de comportamentos violentos na trama.	15	10	25
NUDEZ	Analisada como um elemento que vai além do erotismo, a nudez em <i>Tomie</i> pode ser lida tanto como uma forma de objetificação como de vulnerabilidade da personagem, explorando o corpo feminino como objeto de desejo e violência.	3	4	7
“PASSIONALIDADE MASCULINA”	Refere-se ao impulso dos personagens masculinos de cometerem atos de violência com base em emoções intensas, como ciúmes ou obsessão.	8	7	15
ENCANTAMENTO	Os homens aparentam estar imersos a um "feitiço" que os posiciona como sujeitos passivos em relação às suas próprias ações.	14	14	28

Fonte: Dados da Pesquisa. (2024)



3 *TOMIE*: A MULHER COMO VILÃ E VÍTIMA

A história gira em torno de *Tomie*, com narrativa de ‘uma jovem irresistivelmente bela provoca obsessão e violência nos homens ao seu redor’, e por isso, sofre repetidos feminicídios e regenerações, o que causa terror e obsessão aos leitores. No Brasil, o mangá *Tomie* foi publicado em 2021, três décadas após seu lançamento original no Japão. A obra é dividida em dois volumes, contendo um total de vinte capítulos: 1) o primeiro volume reúne nove capítulos: "*Tomie*," "*Tomie - Parte 02 - Hospital Morita*," "*Subsolo*," "*Fotografia*," "*Beijo*," "*Mansão*," "*Vingança*," "*Queda d'Água*," e "*Pintor*", e o 2) o segundo volume é composto por onze capítulos: "*Assassino*," "*Cabelo*," "*Adotada*," "*Mindinho*," "*Garotinho*," "*Mosto*," "*Babá*," "*Certa Reunião*," "*Maníaco*," "*Top Model*," e "*Decrepitude*".

No mangá, a história não se apresenta de maneira linear, visto que cada capítulo temos uma *Tomie* diferente, sempre é uma nova personagem interagindo com novos cenários e indivíduos. A história se manifesta como um quebra cabeça que juntamos cada peça. Para entender melhor a dinâmica de *Tomie* separamos quatro pontos essenciais: 1) jovem que sofre brutal feminicídio, tendo seu corpo esquartejado pelos ‘colegas’ de classe, 2) renasce de cada parte esquartejada, 3) “Seduz” os homens e provoca uma “louca paixão” e 4) relação feminino: ocorre a *tomielização*.

O primeiro capítulo, intitulado simplesmente *Tomie*, estabelece o ponto de partida da trama, apresentando o nascimento da figura mística que acompanhará a narrativa ao longo de todo o mangá. A história começa em clima de luto e mistério na escola onde *Tomie* estudava, enquanto alunos e professores lamentam a trágica morte da jovem, que sofreu brutal feminicídio e teve partes de seu corpo espalhadas pela cidade. O crime permanece sem solução e sem suspeitos, o que intensifica o suspense inicial.

O que parecia ser um relato de perda e tragédia se transforma em um evento perturbador quando *Tomie* reaparece na sala de aula, aparentemente ilesa e sem qualquer lembrança do ocorrido, como se sua morte jamais tivesse acontecido.

Ressalte-se que há tentativas de silenciamento, esquecimento e invisibilização das violências de gênero. Ricouer (2007) enfatiza que o esquecimento não é apenas uma falha individual, mas também um ato político e social, ligado a estratégias de silenciamentos. As teorias feministas bell hooks (2019), Beauvior (2014), Segato (2013) mostram como a história das mulheres foi sistematicamente silenciada. Elena Teles e Valeska Zanello (2017) discutem como os meios de comunicação naturalizam, apagam ou banalização das violências de gênero, transformando feminicídios em “crimes passionais”, selecionando de acordo com Hall (2003) as representações hegemônicas e narrativas que aparecerão e quais serão esquecidas.

Sobre feminicídio, Segato (2018) mostra que a violência contra a mulher não só ocorre, mas também é sistematicamente esquecida ou banalizada por instituições estatais, jurídicas e midiáticas. A autora fala em “pedagogia da crueldade”, em que a repetição e o descaso institucional tornam a



violência algo “normalizado”, contribuindo para seu esquecimento social. Esse momento de retorno ‘inexplicável’ de *Tomie* após o feminicídio marca o início do ciclo de violências e resistências. Um misto de horror definido pela “morte e regeneração” que define a obra, trazendo consigo uma atmosfera de confusão e desconforto tanto para os personagens quanto para os leitores. Todos se perguntam, conforme imagem a seguir – como isso é possível?

Imagem 1: Primeira aparição de *Tomie*, após sua morte.



Fonte: *Tomie*, v. 1, p. 7.

A reaparição de *Tomie*, mesmo após confirmada oficialmente pela polícia como morta, começa a assustar todos da turma, mas não pelo fato esse acontecimento ser estranho, mas sim por que sua sobrevivência pode prejudicá-los. A reviravolta que Junji Ito nos apresenta acontece como um flashback na aula passeio no morro da divindade Inari¹⁶. É revelado como o “acidente” que levou ao assassinato de *Tomie* aconteceu com e que *todos* de sua turma foram cúmplices do crime.

A reaparição de *Tomie* pode ser lida como uma metáfora da permanência da violência de gênero – ainda que as mulheres sejam silenciadas (ou mortas), a marca da violência retorna, insistente, revelando que o trauma não desaparece. Dialoga com a ideia de memória traumática (Cathy Caruth, 1996) aquilo que foi reprimido volta de forma insistente porque não foi devidamente elaborado.

A polícia, como aparato estatal que confirma a morte, representa a institucionalização do esquecimento: uma vez dado o atestado de óbito, a sociedade “encerra” a narrativa daquela vida. Mas o retorno de *Tomie* nega esse fechamento, revelando a falha das instituições em dar conta das violências contra as mulheres. Isso dialoga com a noção de esquecimento político (Paul Ricoeur, 2000): o que deveria ser lembrado e reparado é apagado, mas retorna como espectro.

¹⁶ Nas palavras de Mendonça (2019), Inari é divindade do arroz e da fertilidade japonesa que pode assumir a forma de uma raposa e utiliza-se da metamorfose como prenúncio de algo.



O feminicídio de *Tomie* ocorre durante o passeio quando é empurrada de um penhasco pelo seu namorado Yamamoto em uma de suas crises de ciúmes. A jovem encontra-se desacordada após a queda e Yamamoto é impedido pelo professor Takagi de chamar a ambulância para que não fossem presos, a partir desse momento todos da turma aceitaram encobrir as provas e sumir com o corpo de *Tomie* esquartejando-a e escondendo os seus pedaços pela cidade.

O Doutor Tamura explica que “a mulher esquartejada tem sua reprodução semelhante às planárias” (p. 70), sentido semelhante à mitologia de Hidra de Lerna¹⁷, um monstro mitológico que se regenera quando cortava uma de suas cabeças, cresciam duas em seu lugar). Neste momento o autor nos apresenta uma explicação científica para a reaparição de *Tomie*, conforme imagem a seguir.

Imagem 2: Doutor Tamura explicando como *Tomie* aparenta se multiplicar.



Fonte: *Tomie*, v. 1, p 70

Tomie é apresentada como “indestrutível”. A narrativa rompe com a concepção patriarcal de que matar seria a forma de controlar ou calar a mulher. *Tomie* retorna sempre, mostrando que o corpo feminino não se deixa reduzir ao destino de objeto violentado e descartável. A reaparição de *Tomie* desestabiliza a lógica da pedagogia da crueldade (Segato, 2018).

É importante destacar que as interações na trama tenham um grande foco em relação a *Tomie* e seus agressores, entre elas também personagens femininas. A “*tomielização*” mostra como a violência de gênero é construída e internalizada nas relações – e entre as mulheres se expressam seja por rivalidade, competição estética ou reprodução de normas patriarcais, pois como afirma Beauvoir (2019) “não se nasce mulher, torna-se”. Na trama, “tornar-se” é literal e violento, já que a mulher, na personagem de *Tomie*, perde sua consciência e identidade, após a incorporação, perde sua voz e subjetividade. No mangá esse processo interativo chama-se “*tomielização*” – consiste em *Tomie* “possuir” sua vítima feminina ao incorporar suas células a torna “mais bonita” (Ito, 2021, p. 96), mais saudável e toda a antiga fisionomia e consciência não existem mais.

A *tomielização* como processo de violência internalizada. Quando *Tomie* “entra” na vítima, apaga sua identidade anterior, produzindo um corpo mais belo, mais jovem, mais saudável — ou seja,

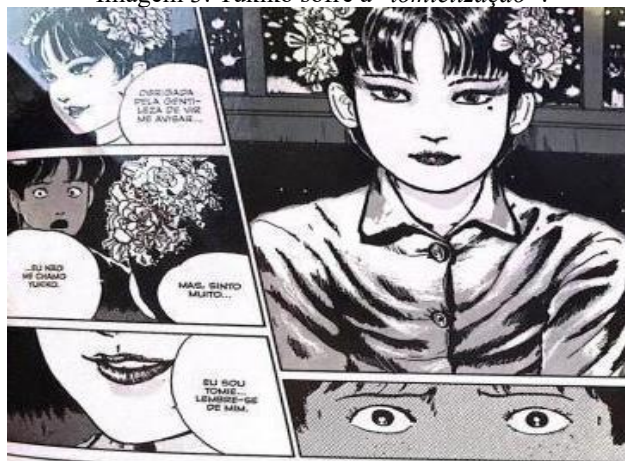
¹⁷ GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.



um corpo ajustado às normas estéticas e sociais de feminilidade, como discute Naomi Wolf (2018), acerca dos padrões de beleza e seu funcionamento como dispositivos de controle sobre os corpos femininos.

No capítulo *Hospital Morita*, volume 01, em que *Tomie* doa um rim à garota internada, e ao recebê-lo começa a ficar forte e saudável, até descobrir que está se transformando em um monstro (*Tomie* regenerando do órgão), conforme imagem a seguir.

Imagem 3: Yukiko sofre a “tomielização”.



Fonte: *Tomie*, v. 1, p 112

No capítulo *Cabelo*, volume 02, as amigas encontram mechas de cabelos brilhosos e um fio prende no couro cabeludo de Miki Hatawagama. Isso é o suficiente para a “tomielização” acontecer. Ela começa a assemelhar-se a *Tomie* – e passa a ser admirada na escola. Ao finalizar o processo a beleza se esvai, e torna-se monstruosa. Os fios de cabelo começam a sair de cada poro e cobrir o corpo todo, deixando-a sem vida, conforme expressos na imagem a seguir.

Imagem 4: “Tomielização” de Miki.



Tomie, v. 2. p 81

A imagem mostra a garota assustada, com boca e olhos arregalados, com fios longos de cabelo saindo de sua mão e rosto, de suas pernas e braços até sem vida no chão, expressando o feminino monstruoso, regenerando-se reiteradas vezes. Barbara Creed (1993), problematiza o monstro feminino, expresso no caso de *Tomie*. O fato de reaparecer após o feminicídio torna-se uma inversão do destino patriarcal: ela não é a vítima silenciosa, mas uma presença perturbadora que insiste em reexistir. O feminino monstruoso nasce justamente daquilo que transgride e ameaça as normas do patriarcado.

O Corpo da mulher – *Tomie* – como campo de disputa. A “tomielização” mostra o corpo feminino como um território de apropriação. O corpo como construção social — mas em *Tomie*, essa construção é radicalizada em uma aniquilação da identidade.

O feminicídio de *Tomie*, na imagem a seguir, acontece de forma recorrente e move a história, entre o real e sobrenatural.

Imagem 5: Corpo de Tomie descartado em um riacho.



Fonte: *Tomie*, v. 1, p 112

O corpo de *Tomie* despido, com múltiplos cortes dispersos pelo corpo: rosto, braços, abdômen e dorso. O pescoço e braços estão submersos numa poça d'água escura de sangue cercada de pedras. A cena reflete a banalização do corpo e existência da mulher: mutilado e descartado. Muito são os casos de feminicídios marcados por extrema brutalidade onde “o perpetrador busca demonstrar a seus pares sua capacidade de morte e crueldade, fazendo explícitos no corpo das vítimas” (Caicedo-Roa, Bandeira, Cordeiro, 2022, p. 5), a exemplo dos feminicídios ocorridos na *Ciudad Juárez*, no México, de trabalhadoras fabris, violentadas até a morte de forma cruel representa um dos casos mais emblemáticos de feminicídio na América Latina.

Em *Tomie* a crueldade do seu feminicídio, imagem a seguir, expõe as violências sofridas pela personagem - mutilação, esquartejamento, esmagamento, queimação. O rosto cheio de cortes, olhos e boca abertas, braços feridos levantados, um pano com manchas de sangue.

Imagem 6: Tomie morta com vários cortes no rosto



Fonte: Tomie, v. 1, p 112.

O rosto, em particular, carrega um valor simbólico profundo: é nele que se inscrevem as marcas da subjetividade, da identidade e da presença social. Ao ser mutilado, apagado ou destruído, comunica-se a intenção de eliminar não apenas a vida, mas a existência social e simbólica da vítima. Como observa Segato (2013), a violência feminicida tem caráter pedagógico e disciplinador, funcionando como mensagem de poder e dominação masculina sobre o corpo feminino.

Muitos casos de feminicídio são marcados por um grau extremo de crueldade: rostos queimados, desfigurados, cortados – práticas que vão além da intenção de matar. Elas representam um desejo de controle, punição e silenciamento.

O rosto mutilado, nesse contexto, é o apagamento do olhar feminino sobre o mundo, o silenciamento de sua voz e a negação de sua autonomia. Trata-se de uma tentativa de “desumanizar” a mulher mesmo após a morte, reforçando a ideia de que seu corpo pode ser objeto de posse, de ódio ou de vingança.

Para essa discussão, podemos trazer o exemplo da Grécia antiga, em que a morte do homem, como discutido por Martha Nussbaum, em sua obra *A fragilidade da bondade* (2009), era considerada uma tragédia nacional, uma perda cívica que agregava um senso de valor à comunidade. Já a morte da mulher, frequentemente retratada nas tragédias, simbolizava uma reafirmação de sua subordinação à autoridade masculina e à necessidade de manter a ordem patriarcal.

A crueldade das mortes femininas nas tragédias não era apenas uma questão de violência física, mas também uma mensagem social profunda. As formas brutais de assassinato das mulheres, seja por envenenamento, mutilação ou sacrifício, como em peças como *Medeia* de Eurípides, eram uma maneira de representar que, ao desafiar a ordem patriarcal, o corpo feminino não apenas era destruído fisicamente, mas também publicamente humilhado, servindo como exemplo para a sociedade de que a transgressão feminina seria impiedosamente punida.

Como argumenta Nancy Sorkin Rabinowitz em *Anos de Discurso: Mulheres e Tragédia Grega* (2008), a morte feminina era usada como uma metáfora da repressão do potencial feminino, uma

maneira de mostrar que as mulheres, mesmo em vida, estavam destinadas a ocupar um espaço subordinado. Ou seja, sua morte é menos um desfecho narrativo e mais um dispositivo simbólico que reitera o lugar subalterno da mulher na ordem social.

O que vemos em *Tomie*, sua independência, sua vontade de continuar ou não em um relacionamento mostra-se como uma afronta ao homem, que decide tirar todo o poder de escolha assassinando-a, não somente a isso, bem como é deixado às vistas a crueldade da violência feminicida.

Tomie em sua “beleza sedutora e fatal”, o arquétipo da *femme fatale*, cuja sexualidade pode ser tanto admirada quanto temida, de acordo com Mulvey (1975). A mutilação facial - o rosto desfigurado de *Tomie* - mostra o impedimento à fala, a opinião, a manifestação pública do feminino posto como punição à sua autonomia, interpretada como desobediência. A beleza de *Tomie*, evidenciada como sedução e de encantamento dos homens, fortalece a visão patriarcal e cristã.

No volume 2, no capítulo “Babá”, Junji Ito o foco torna-se o ser e o mal de *Tomie*, em que um casal de idosos contratam uma babá para cuidar do seu bebê, Marina. Ao chegar, a babá Erita é trancada no quarto junto com a criança, “porque a maioria das pessoas sai correndo ao ver a meu neném” (ITO. v. 2, p. 225). Erita retira o manto da criança no berço e se assusta: “Isso não parece um bebê é como se fosse um coração exposto com uma cabeça brotando dele” (ITO. v. 2, p. 228).

Marina era *Tomie* em fase de regeneração. Ela chorava muito. O casal de idosos saía todas as noites para incendiar a cidade, pois só assim parava de chorar “Se ela não vê um incêndio por dia, fica brava e chora a noite inteira” (ITO. v. 2, p. 231). O seu grande prazer era ver a cor vermelha do fogo, a destruição.

A semelhança à personagem bíblica *Eva - a pecadora* - que trouxe a maldade para o mundo, sentenciada à condenação pelo masculino (Deus cristão) à todas as mulheres e suas gerações futuras. Junji Ito coloca *Tomie*, o feminino nesse lugar.

Na Imagem 6, Junji Ito direciona as ações dos homens como involuntárias, quase automáticas. Um “feitiço”. Um encantamento. A manipulação do feminino sobre o masculino considerado como submisso emocional e psicologicamente. Essa perspectiva constrói a imagem do feminino como manipulador, maléfico e vilão, transformando-a em arquétipo de ameaça, sedução e destruição. Esse enquadramento perpetua discursos machistas e misóginos que buscam justificar as violências contra as mulheres e minimizam a responsabilidade dos homens agressores, reforçando padrões de dominação e controle nas relações de gênero.



Imagem 7: Koji Yamazaki explica sobre o poder enfeitiçante de Tomie.



Fonte: *Tomie* (ITO, 2021, Volume 1, p. 125).

No primeiro quadro, temos o rosto sério de uma mulher, cabelos negros soltos, com uma *voice over* de Tetsuo dizendo “Essa garota... A *Tomie*... tem um poder quase enfeitiçante. Os caras que andam com ela são praticamente escravos à sua vontade” O interesse principal para trazer esse quadro e discutir está na continuação da fala “... Não duvido nem um pouco de que eles matem alguém se for de ordem da *Tomie*”. No segundo, um homem sério, com o dedo levantado, boca aberta, falando: “Por que estão enfeitiçados por esse magnetismo estranho que ela tem. Detesto admitir, mas eu também quase me deixei seduzir por ela”.

A associação entre feminicídio e sedução revela uma das dimensões mais complexas e perversas da violência de gênero: a transformação da atração, do desejo e do amor romântico em dispositivos de controle, dominação e morte. Quando o feminicídio nasce de relações marcadas pela sedução — e muitas vezes pelo afeto — ele evidencia como estruturas patriarcais naturalizam a ideia de que o corpo e a vida da mulher podem ser possuídos, controlados e eliminados quando ela nega ou rompe esse pacto.

Historicamente, a mulher foi representada como objeto de desejo e conquista, enquanto ao homem foi atribuído o papel de sujeito ativo, detentor da decisão e do poder. Nesse imaginário, a sedução – muitas vezes idealizada como prelúdio do amor – também funciona como porta de entrada para a violência. A mulher seduzida passa a ser vista como posse. O vínculo afetivo cria uma falsa sensação de direito sobre seu corpo, suas escolhas e sua liberdade. Quando essa relação é ameaçada - por separação, rejeição, autonomia ou simples divergência - a frustração do desejo masculino se converte em violência.

Como afirma Segato (2013), o feminicídio não é produto de paixões descontroladas, mas sim um ato de reapropriação violenta de um corpo que o agressor o julga pertencer. Nesse sentido, a sedução é o ponto inicial de um processo que pode culminar no assassinato quando a mulher se recusa a cumprir as expectativas impostas.

A “mulher sedutora” é uma construção histórica que reflete o olhar masculino sobre o corpo feminino. Elevada ao ideal de feminilidade e, ao mesmo tempo, condenada por sua liberdade sexual, ela representa a tensão entre desejo e controle que estrutura o patriarcado. Quando usada para justificar violências – inclusive o feminicídio –, essa figura revela como a sociedade transfere à mulher a culpa por sua própria vitimização. Ressignificar a sedução, portanto, é um ato político: significa transformar um instrumento de dominação em expressão de liberdade.

Na imagem a seguir, todos os alunos do sexo masculino despidos, segurando ferramentas cortantes e esquartejam *Tomie*, com expressão de raiva.

Imagem 8: Morte de Tomie por seus colegas de classe



Fonte: *Tomie* (ITO, 2021, p.).

O feminicídio com mutilação e esquartejamento não visa apenas à morte biológica. Como analisa Segato (2013), a violência extrema contra o corpo feminino tem função comunicativa: ela transmite a mensagem de que aquele corpo não pertence a si mesmo, mas ao domínio masculino - e que ousar desafiar esse domínio será punido com a aniquilação.

Esse gesto de brutalidade carrega também uma dimensão de “castigo exemplar”: muitas vítimas de feminicídio esquartejadas foram mulheres que romperam relações, denunciaram agressões, recusaram-se a obedecer ou exerceram autonomia. O ato de desmembrar seus corpos é a tentativa do agressor de apagar a agência feminina - de transformar sua resistência em silêncio eterno.

O esquartejamento produz mais do que a morte física: ele gera uma segunda morte simbólica. Ao retirar a integridade do corpo, retira-se também sua identidade social e subjetiva. A mulher é reduzida a fragmentos, à condição de “coisa”, “objeto” ou “resíduo”. Essa desumanização legitima a violência aos olhos de quem a pratica e, muitas vezes, até de quem a narra - transformando a vítima em algo “matável” e “descartável”. Butler (2004) chama essa condição de “vida precária”: são vidas que, por estruturas de poder, tornam-se menos dignas de luto, menos reconhecidas como humanas. O esquartejamento é a expressão máxima dessa precarização.



As jovens, também cúmplices, ficaram responsáveis por se livrar do corpo de *Tomie*, cada uma espalhou uma parte do corpo a um lugar distinto da cidade. O feminicídio de *Tomie* na perspectiva de Segato (2013), em “Cenas de um pensamento incômodo”, observa a violência de gênero a partir de dois eixos que se atravessam: 1) a relação vítima-agressor; 2) a relação agressor - “parceiros de crime”. No primeiro capítulo da obra de Ito, existe uma forte presença do segundo eixo: a irmandade, pois “A maioria das agressões contra o corpo feminino não é cometida em isolamento” (Idem, 2013, p. 58)

A construção da imagem da mulher como vítima e vilã nos casos de feminicídio revela uma das contradições mais profundas do imaginário patriarcal e dos discursos sociais que cercam a violência de gênero. Essa dupla representação não é acidental: ela funciona como mecanismo ideológico de controle e desresponsabilização, sustentando estruturas que naturalizam a violência e culpabilizam a própria mulher por sua morte. Ao mesmo tempo em que é retratada como um ser frágil e indefeso – a “vítima ideal” –, a mulher também é transformada em vilã, provocadora e até responsável pelo crime que sofreu.

A figura feminina em *Tomie* ocupa o papel de vítima-vilã. Função de ocultar os pedaços de *Tomie*, espalhando pela cidade em pontos distintos, e compactuando com o crime do seu professor e colegas. A dualidade “vítima/vilã” não é uma contradição, mas uma estratégia complementar. Ambas as imagens são usadas para manter o controle sobre os corpos e comportamentos femininos: 1) a mulher-vítima é exaltada porque permanece dentro do papel esperado e 2) a mulher-vilã é punida porque o transgride. Em ambos os casos, a mensagem patriarcal é a mesma: a mulher deve permanecer dentro de certos limites - caso contrário, sua morte poderá ser narrada não como crime, mas como “consequência”.

O feminicídio não é um crime de um homem contra uma mulher – é o projeto de um sistema inteiro, afirma Segato (2013). A chamada “irmandade no crime de feminicídio” não é feita apenas de assassinos: inclui todos os que silenciam, justificam, minimizam ou ignoram a violência contra mulheres. É a rede patriarcal que sustenta o feminicídio como prática possível e aceitável. Romper com essa irmandade exige mais do que leis - requer uma transformação cultural profunda, capaz de retirar a legitimidade social e simbólica desse crime.

Ao término do primeiro capítulo, alguns dos participantes do assassinato expressam o desejo de se render às autoridades, mas são perseguidos por seus próprios companheiros, que já se encontram tomados pela loucura e pelo medo de serem capturados pela polícia. A “Irmandade Masculina”, no capítulo *Mindinho*, o narrador personagem Hiroya inicia a história contando sua relação com seus três irmãos mais velhos quando sofreu bullying por ser baixinho e “longe de ser bonito”, isso refletiu-se na sua idade adulta em que se encontra com problemas anti sociais e de autoestima. *Tomie*, nessa trama, é madrastra dos quatro irmãos. Após o suicídio de seu patriarca, os irmãos de Hiroya “não olhavam



para ela (*Tomie*) como madastra, mas sim como mulher. E ela também começou agir como se seduzisse os enteados” (ITO, 2021, p. 126).

Esse processo de erotização do papel materno não é natural, mas construído. Ele se origina na lógica patriarcal que reduz a mulher à sua função sexual e reprodutiva, mesmo quando ocupa lugares de cuidado e afeto. A madrastra, nesse sentido, deixa de ser figura parental para tornar-se objeto de desejo e disputa masculina – inclusive dos filhos ou enteados.

Como aponta Segato (2013), esse tipo de violência nasce não do excesso de paixão, mas da lógica de posse e controle, na qual a mulher que nega o desejo masculino desafia a ordem simbólica patriarcal e, por isso, deve ser punida. Punição que sofreu novamente *Tomie*. Mais uma vez esquartejada. Os pactos de “Irmandade Masculina” acontecem entre os quatro irmãos, sendo Hiroya cúmplice pela ocultação do corpo de *Tomie*.

Imagem 9: Horaya se depara com o corpo de *Tomie* esquartejado pelos seus irmãos



Fonte: *Tomie* (ITO, 2021, Volume 2, p. 133).

A figura da madrastra desejada por seus enteados ilustra com clareza a lógica patriarcal que transforma mulheres em objetos sexuais, mesmo dentro de vínculos familiares. Quando o desejo masculino é frustrado, a resposta pode ser a punição extrema: o feminicídio. A violência, nesses casos, não nasce de sentimentos individuais, mas de um sistema simbólico que legitima a posse, naturaliza a objetificação e pune a autonomia feminina. Ao culpabilizar a mulher por sua própria morte, esse sistema reforça a desigualdade e perpetua o ciclo de violência.

Contextualizando a narrativa dessa seção, *Tomie* foi assassinada por um grupo de rapazes que justificam a crueldade dizendo: “A gente acabou esquartejando *Tomie*. Ela zombou de nós. Por isso a matamos” (ITO, 2021, p. 133). Hiroya, apesar de não participar do assassinato, foi o encarregado de descartar o corpo esquartejado, dividido em sacos plásticos.



4 CONCLUSÕES: *TOMIE* E A REPRODUÇÃO DO FEMINICÍDIO

Em 2019, Junji Ito concedeu uma entrevista à revista *Grape Japan* onde o entrevistador pergunta se houve alguma inspiração para a criação da personagem Tomie, Ito responde:

“Não, receio que não houvesse uma mulher bonita como modelo. Quando eu estava no ensino fundamental, um garoto da minha turma morreu em um acidente de trânsito. Era tão estranho para mim que um colega tão cheio de vida desaparecesse repentinamente do mundo, e eu tinha a estranha sensação de que ele reapareceria inocentemente. Desde então, eu queria expressar esse sentimento no meu mangá” (GRAPE JAPAN, 2019, online)

Inicialmente, não percebemos a relação inicial que moveu a narrativa, mas depois de repetidas leituras do material, compreendemos que a escolha de Junji Ito em criar uma personagem feminina dentro das situações excessivas de violência não foi arbitrária. As discussões teórico-metodológicas acerca da mulher e gênero diz da construção social do feminino subjugado às facetas do patriarcado. A obra relaciona diretamente um estágio mais avançado de uma forte sujeição do feminino ao masculino, que culmina no feminicídio – a impiedade após o ato, a ruína de um corpo, a vítima descartada, a venda de sua carne como mercadoria, a canibalização do agressor, seus pedaços espalhados pela cidade.

Para que a narrativa aconteça, é preciso sim, que esse “monstro” seja uma mulher. Junji Ito acertou! A narrativa é concedida ao leitor, inicialmente, como algo próximo a ele, de uma vivência tátil, onde para além de todo o horror sobrenatural de uma mulher mítica sedutora e mágica temos o cruel como realidade: os feminicídios e demais violências contra as mulheres.

A análise do mangá *Tomie* permite compreender o feminicídio não apenas como um crime, mas como um ato político e cultural de controle sobre o corpo e a autonomia feminina. A destruição repetida da protagonista, motivada por desejo, ódio e medo, revela o funcionamento simbólico do patriarcado: transformar mulheres em objetos, puni-las quando desafiam essa condição e, mesmo assim, jamais conseguir apagá-las completamente.

Tomie nos obriga a encarar a verdade incômoda de que a violência contra as mulheres – seja no horror ficcional ou na realidade – não é exceção, mas parte de um sistema patriarcal e opressor que tenta conter aquilo que mais teme: a mulher bonita, livre, inteligente, insubmissa.



REFERÊNCIAS

- BARBOSA, F. et al. (2023). Estatísticas de feminicídio no Brasil. Instituto Patrícia Galvão.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BEAUVOIR, S. (2014). O segundo sexo. São Paulo: Nova Fronteira.
- BIBLIOTECA BRASILEIRA DE MANGÁS. Números do Mercado Brasileiro de Mangás em 2024. 07 jan. 2025. Disponível em: <https://blogbbm.com/2025/01/07/numeros-do-mercado-brasileiro-de-mangas-em-2024/>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- BRASIL. A CADA 24 horas ao menos oito mulheres foram vítimas de violência em 2023. Rede de Observatórios da Segurança, 2023. Disponível em: <https://observatorioseguranca.com.br/a-cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-em-2023/>. Acesso em: 26 maio de 2024.
- BRASIL. Naiara Gortazár Tradução nossa “Casi 12.000 mujeres han sido asesinadas en Brasil por feminicidio durante la última década”, Naiara Gortazár (2025), artigo publicado no El País, disponível em: <https://elpais.com/america/2025-03-10/casi-12000-mujeres-han-sido-asesinadas-en-brasil-por-feminicidio-durante-la-ultima-decada.html>? Acesso em: 15 maio de 2024.
- CAICEDO-ROA, Mônica; BANDEIRA, Lourdes Maria; CORDEIRO, Ricardo Carlos. Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 3, 2022.
- CARUCH, Cathy. Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- GOVERNMENT OF JAPAN - Relatório do Igualdade de Gênero, versão Reiwa 7). [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.gender.go.jp/about_danjo/whitepaper/r07/zentai/pdfban.html? Acesso em: 10 jan. 2025.
- GRAPE JAPAN. Japanese artist turns traditional food into beautiful art. 11 out. 2019. Disponível em: <https://grapeejapan.com/116016>. Acesso em: 4 fevereiro de 2025.
- GRIMAL, Pierre. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HILST, Hilda; PÉCORA, Alcyr. Júbilo, memória, noviciado da paixão. São Paulo: Globo Livros, 2001.
- HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- IMARC. Manga Market Report by Type (Printed, Digital), Genre (Action and Adventure, Sci-Fi and Fantasy, Sports, Romance and Drama, and Others), Audience (Children and Kids (Aged below 10 years), Teenagers (Aged between 10 to 16 years), Adults (Aged above 16 years)), Gender (Male, Female), Distribution Channel (Online, Offline), and Region 2025-2033. 2023. Disponível em: <https://www.imarcgroup.com/manga-market>. Acesso em: 10 nov. 2024.



- ITO, Junji. Tomie. Vol. 1. Tradução: Drik Sada. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2021.
- ITO, Junji. Tomie. Vol. 2. Tradução: Drik Sada. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2021.
- JUNIOR, Leconte de Lisle Coelho. Um estudo sobre a violência em duas histórias gráficas. *Journal of Human Growth and Development*, v. 15, n. 2, p. 55-68, 2005.
- MENDONÇA, Allan Nywner Praia. As caudas da raposa: ensaio teórico sobre Inari e sua concepção como divindade japonesa. *Hon no Mushi*, Manaus, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/HonNoMushi/article/view/6695>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- MOREIRA, Fábio. Japão: um estudo sobre segurança pública e criminalidade. São Paulo: [s.n.], 2013.
- MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). *A experiência do cinema: antologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. p. 437-453.
- NUSSBAUM, Martha A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega. São Paulo: Martins C. Fontes, 2009.
- PORTAL DOS MITOS. Yanagi Baba. Disponível em: <https://portal-dos-mitos.blogspot.com/2017/11/yanagi-baba.html>. Acesso em: 28 set. 2025.
- RABINOWITZ, Nancy Sorkin. *Greek tragedy*. Malden: Wiley-Blackwell, 2008.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- ROMIO, F. (2019). *Gênero e cultura*. São Paulo: Contexto.
- RUSSELL, Diana E.H.; RADFORD, Jill (Org.). *Femicide: the politics of woman killing*. New York: Twayne Publishers, 1992.
- SANTOS, R.; IZUMINO, N. (2005). *Violência e dominação masculina*. São Paulo: Hucitec.
- SEGATO, R. (2013). *Violência e mulheres: ensaios de antropologia*. Porto Alegre: Sulina.
- SEGATO, Rita Laura. *Contra-pedagogias da crueldade*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2013.
- TELES, Elena; ZANELLO, Valeska. A mídia e a naturalização da violência de gênero: os feminicídios como “crimes passionais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2017.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. 1. ed. rev. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Tradução de Waldéa Barcellos. ISBN 978-85-0111-352-8.

